

Artigo de opinião
(Por Lúcio Neto Amado)

Tributo a ícone nacional!

Falar de tributo, significa, grosso modo, falar de um acto de reconhecimento, um acto de homenagem, por excelência. Uma homenagem é em princípio, uma forma que uma determinada sociedade encontra para glorificar os seus «heróis», quer seja em vida quer seja postumamente¹. Entenda-se aqui, «heróis», empregue no sentido lato do termo.

Cada povo, cada sociedade, cada cidade, cada aldeia, cada *luchán* tem os seus «heróis», cuja dimensão do seu feito, é enaltecido de acordo com as suas idiossincrasias.

O ícone surge através de uma fadada imagem, que prevalece no imaginário de gerações, tendo em conta o desempenho realizado por um indivíduo, numa qualquer área social.

Uma figura projectada como sendo um ícone, pode ser considerado, em traços gerais, como a emanção de um «herói» de pendor, nacional, quando, entendido na pacatez do universo «caseiro²»; ou um «herói» cuja proeza ultrapasse as fronteiras nacionais, tornando-se aí um ícone internacional³.

Existe um dizer no nosso Continente que proclama, uma frase que consideramos, lapidar a todos os níveis: “*quando morre um velho, acaba uma parte da nossa Biblioteca*”.

Essa esclarecida frase atribuída ao africano Hempatê Ba, é carregada de um simbolismo sem precedentes. Ela encerra uma verdade insofismável da realidade da África ao sul do Saara. Essa verdade tem um nome próprio: chama-se a *Oralidade*.

Queremos acreditar, que ainda exista uma percentagem razoável de indivíduos, que no nosso Continente, ainda cultivem pressupostos da *Oralidade*, fruto do lento processo de inculcação da instrução escolar no seu *modus vivendi*.

O avanço da introdução da alfabetização a todos os segmentos da população, não é um processo fácil, nas florestas, nos «musseques», nos *lucháns* e nas «machambas» do nosso Continente, dada as circunstâncias que enfermam o intrincado processo do *desenvolvimento* que se pretende para as Nações africanas, no seu todo.

Posto esta pequena resenha, vamos falar das personagens São-Tomenses que julgamos serem dignas que se preste, embora a título póstumo, uma merecida homenagem.

¹ E se de repente criássemos um jazigo para nele serem depositados os restos mortais de figuras ilustres que se destacassem em vida?

² O Rey Amador pode ser considerado um ícone ou «herói» nacional São-tomense. Outras figuras de proa: entendidas nessa perspectiva são: o escritor Marcelo da Veiga; a poetiza Alda do Espírito Santo; o Geógrafo Francisco José Tenreiro; o músico Viana da Motta, o dramaturgo Almada Negreiros; o cantor e compositor Godinho, do Conjunto musical «Mindelo»; o cantor Hyder Índia do Conjunto «Sangazusa», etc.

³ Estão nesse caso Nelson Mandela (África do Sul); Martin Luther King (Estados Unidos da América); Os Beatles (Grã-Bretanha);

Ícone nacional ou apenas figuras de destaque?

Este ano de 2014 que ainda não terminou levou do nosso convívio personalidades como Rosa Botica, professora de Liceu; Cardoso, compositor; Varela, mestre do “*Bligá*”; Cornélio, mestre do género “*Stléva*”.

Estes indivíduos, considerados n’guê tamen (anciãos) deixaram, inexoravelmente a nossa «*Biblioteca*» como sublinha Hempatê Ba, muito mais empobrecida.

Foram páginas fundamentais, «rasgadas» do nosso “*compêndio*” de Memória Colectiva, contadas a partir de uma oralidade, que teima em perpetuar-se. Fazemos referência à oralidade, por ainda existir, hipoteticamente, no arquipélago, compatriotas nossos que manifestam possuir uma ligeira percentagem de analfabetismo e, um grau preocupante de iliteracia.

Proposta para uma homenagem póstuma para essas personalidades

Dona Rosa Botica, a professora de Matemática de várias gerações de são-tomenses, de portugueses, de angolanos, de cabo-verdianos, de moçambicanos, de timorenses, de descendentes de macaístas e de indianos (goeses), constitui um dos ícones da nação são-tomense. Este quadro de alunos surge devido ao facto de haver na altura, uma circulação, sem limite, de indivíduos que faziam parte do Império colonial português. Os primogénitos desses alunos eram, no geral, comerciantes; empregados indiferenciados, militares e funcionários da máquina administrativa da época.

Rosa Tomé de Matos Lurdes Botica foi professora do antigo Liceu Nacional D. João II, tendo leccionado cerca trinta anos nesse Estabelecimento de Ensino.

Em 2008 foi condecorada⁴ em Portugal pelo presidente de São Tomé e Príncipe, Fradique de Menezes. No ano de 2011, um grupo de alunos promoveu na cidade de São Tomé, uma sessão de homenagem a referida professora⁵.

Embora tenha passado grande parte da sua vida em São Tomé, a dona Rosa, nasceu e faleceu em Portugal. Era casada com o Dr. Botica, médico veterinário. Teve filhos próprios e «filhos» adoptivos que ajudou, sem reservas a serem homens íntegros.

A proposta de homenagem⁶ vai no sentido de ser atribuído o nome da *excelsa* professora ao Liceu Técnico (antiga Escola Técnica Silva Cunha), uma obra erigida a partir dos «traços» arquitectónicos da engenharia colonial portuguesa.

⁴ Não sabemos ao certo se existe, ou não, uma Medalha (*a mais alta Condecoração do País*) que presenteie altas individualidades, nacionais e estrangeiras, no nosso país, como é da praxe em muitas nações do mundo. A não existir, pensamos que é a altura certa para pôr-mos a *mão-a-obra*.

⁵ Dona Rosa Botica foi professora da geração são-tomense que actualmente detém o poder nesta República. Na homenagem promovida pelos ex-alunos da professora, um deles, o Albertino Bragança afirmou aos órgãos de comunicação (7 de Junho de 2011) que “hoje queremos homenagear a nossa professora Rosa Botica que apostou em muitos alunos são-tomenses num contexto colonial que em certa medida ela esteve acima da discriminação social e sempre protegeu a classe negra sem medo do regime da altura”.

⁶ Essa proposta de homenagem, terá nascida da iniciativa do escritor, dramaturgo e deputado Albertino Homem Sequeira Bragança – antigo aluno da professora – que, levantou, pela primeira vez, a sua voz acerca do assunto, no alto da Tribuna da Assembleia Nacional São-Tomense. Ele foi de imediato secundado pelos deputados de todas as bancadas parlamentares, que apoiaram, sem reservas, a exaltação dessa ilustre personalidade.

O nome desse Estabelecimento de Ensino passaria a chamar-se: Liceu Nacional D^a. Rosa Botica⁷.

Carlos Cardoso Lima da Trindade (1952-2014), compositor de músicas de cunho nacional. Nasceu na ilha de São Tomé, no dia 3 de Novembro e faleceu na mesma ilha. Era filho de Cardoso Afonso Correia da Trindade e de Águeda da Costa Lima.

O autor – considerado como o benjamim dos grandes compositores nacionais, nomeadamente Zarco, Gete Rita, José «Bruêê», Manjalégua, Godinho – compôs músicas como «*Móçu ê, kê kôlô n'glantu kú ká tá xiê*»; «*Légué bi, kinté sé sá kinté dê mé*», entre outras.

Escreveu poemas cantados pelos conjuntos de referência na época, como os Leonenses; o Sangazuza e os Untués. Essas músicas, ainda hoje são tocadas pelos grupos musicais, passando, também, com alguma assiduidade, nas antenas das emissoras que compõe o ramalhete dos rádios nacionais, da Televisão nacional (TVS) e da RDP-África.

Cardoso revelava ser um grande conhecedor da Língua nacional Forro, que falava e escrevia. Dominava como ninguém os provérbios nacionais.

A proposta vai no sentido de ser atribuído aos filhos e ou aos netos (entre dois e três jovens) do compositor, «Bolsas de Estudos» – de acordo com o «saco» *orçamental* do Estado – no seu percurso académico. À viúva seria atribuída, uma pensão mensal condigna, constituída por uma verba, nunca inferior a (duas vezes) o salário mínimo (?) nacional.

Mestre Varela, cujo nome próprio é Bernardo Rompão de Ceita Varela (1928-2014) foi um exímio e dedicado, Mestre do “*Bligá*”.

O jogo do “*Bligá*”⁸, expressão da língua nacional Forro, surge de uma palavra da língua portuguesa, designada “briga” e, significa “jogo de cassete”.

O Mestre Varela, homem incansável na divulgação dessa modalidade – qual D. Quixote de La Mancha⁹ – possuía uma escola desse género, na zona de Cruzeiro, localidade que faz parte da (actual) cidade da Trindade.

⁷ Essa ideia já terá sido avançada por outros indivíduos. Nós limitamo-nos a dar «corpo» e a reforçar essa brilhante iniciativa.

⁸ *Bligá* é “(...) o jogo preferencial do *nguê tamém* ou adulto, visando manter excelente condição física, é justamente o *bligá* ou jogo de cacete, que geralmente é praticado aos domingos à tarde. Os vizinhos (homens e mulheres) deslocam-se dos *lucháns* (zonas recônditas das localidades) com as *axa* (pau) debaixo dos braços ao quintal do forro mais respeitado da região ou de um grande adepto da modalidade. É aí que têm lugar as grandes jornadas de *bligá*, introduzido na ilha de São Tomé pelos emigrantes originários do norte de Portugal”. In SANTO, Carlos Espírito, (1998), “A Coroa do Mar”, Editorial Caminho, SA, Lisboa, pág. 62.

⁹ O Mestre Varela é aqui referido, eufemisticamente como o D. Quixote de La Mancha, figura imortalizada por Cervantes um escritor de origem espanhola. Cervantes (1547-1616) [Miguel de Cervantes Saavedra] nasceu em Alcalá de Henares a 29 de Setembro e morreu em Madrid a 22 de Abril. Romancista, dramaturgo e poeta castelhano, é autor da valiosa e emblemática obra *Dom Quixote de La Mancha* escrita em 1605. Este clássico da literatura ocidental europeia foi considerado o primeiro romance moderno.

O Mestre Varela lutava no seu quotidiano contra os “*moinhos do vento*” São-Tomenses instados pelo serôdio preconceito, de *branqueamento* do que é nosso em termos identitários. Varela desfilava nas cerimónias do dia da proclamação da Independência Nacional (12 de Julho) – bramindo a sua axa – talvez, a contragosto, por ser suplantado por práticas culturais vindas de países terceiros, em detrimento dos nossos.

O “*Bligá*” terá a sua origem, na palavra “briga”, forma de interpretação lúdica introduzida, provavelmente, por indivíduos oriundos do norte de Portugal conhecidos por Pauliteiros¹⁰. Este legado é uma herança colonial, cujos resquícios, parecem ainda existir em países como Moçambique e no Brasil e, provavelmente, nas outras ex-colónias.

Sum Varela foi, durante muitos anos, condutor da Roça Boa Entrada, nos tempos idos, ou seja, no período antes de 1975. Ele nunca deixou de praticar essa «arte» juntamente com indivíduos como o Sum Mé Xinhou (Santo Amaro), Sam Má Xima (Santo Amaro), Iano (Praia Gamboa), Feliz (Santo Amaro), entre outros.

A nossa proposta é semelhante àquela, que, hipoteticamente seria atribuída ao Compositor Cardoso. Acrescentávamos ainda a atribuição de um Largo (toponímia), com o nome do Mestre Varela ou, em alternativa, a construção de um Parque Desportivo, que perpetuasse a memória do Mestre Varela, na cidade da Trindade.

Mestre “Cornélio”, pseudónimo de Jacinto Afonso Carvalho (1933-2014), indivíduo que dominava o género musical conhecido por *Stléva*¹¹, essa «reliquia» que, à semelhança de outras suas congéneres, parece ter os dias contados.

O Mestre nasceu no sítio de Cachoeira, localidade que fica na estrada nacional da zona sul do país, que liga a Vila de Bombom à Vila de Almas, na Ilha de São Tomé.

Nos tempos idos a *Stléva* era uma cerimónia que consistia na colecta de fundos – cada um dava o que podia – para a cerimónia de enterro de Nosso Senhor Jesus Cristo, na Sua paixão e morte. O ritual do *Plo Mon Dessu*¹² é uma cerimónia de idêntico objectivo.

Para Salvaterra¹³ (2009) *Stléva* é “(...) uma representação teatral que se verifica somente num dia, ou seja na quarta-feira de Trevas”. O autor, no seu «ensaio» literário, refere ainda que “anualmente vários grupos de stlevistas percorrem diversas localidades de São Tomé mantendo a tradição. Um dos maiores cultores dessa representação teatral é o Mestre Cornélio”.

¹⁰ Os Pauliteiros de Miranda “é o nome dado a grupos de homens que bailam ritmos tradicionais da terra de Miranda, no nordeste de Portugal, Trás-os-Montes. O nome pauliteiro deriva de *paulito*. Pauliteiros são os praticantes da dança guerreira característica das *Terras de Miranda*, chamada de *dança dos paus* representativa de momentos históricos locais acompanhada com os sons da *gaita-de-foles*, caixa e bombo e tem ainda a particularidade de ser dançada por oito homens (mais recentemente também dançada por mulheres) que vestem saia bordada e camisa de linho, um colete de pardo, botas de cabedal, meias de lã e chapéu ...”. In WIKIPÉDIA, 03/12/2014.

¹¹ Santo (1998) refere que “(...) o *stléva* ou *trevas* é um grupo artístico que... somente actua um dia, ou seja, na Quarta-Feira de Cinzas. Trata-se de uma actuação que tem início por volta das 20 horas terminando na madrugada do dia seguinte. Os participantes são todos homens, que durante a representação não usam máscaras nem trajam de modo burlesco. Há duas ou três vozes solo, tendo os restantes elementos a tarefa de fazer o coro. Os instrumentos musicais são principalmente *canzás* e chocalho, ficando, por conseguinte, excluída a viola. Os trechos apresentam duas partes totalmente distintas: a introdução e o corpo. ...//... No reportório musical notam-se azedas e mordazes críticas a pessoas individualizadas, grupos sociais e representantes da *res publica*. As mulheres são as vítimas preferenciais dos stlevistas que, para além dos lugares-comuns (por exemplo, o adultério, a ignorância no que se refere a trabalhos domésticos e a virgindade), realçam determinadas matérias...”. In SANTO, Carlos Espírito, (1998), op. cit., pág. 261.

¹² O *Plo Mon Dessu* (Pela Mão de Deus) “ (...) é uma manifestação cultural com raízes de carácter religiosa cujo culto as autoridades coloniais portuguesas designavam de festa pagã”. In AMADO, Lúcio Neto, (2011) “Manifestações Culturais São-Tomenses”, UNEAS, 1ª edição, São Tomé e Príncipe, pp. 173-177.

¹³ SALVATERRA, Jerónimo (2009) “A minha homenagem ao 12 de Julho” Edição da UNEAS (União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe), República Democrática de São Tomé e Príncipe, pp. 56-57.

A nossa proposta de homenagem ao Mestre “Cornélio”, que julgamos, ser de inteira justiça, é semelhante àquela, que, hipoteticamente seria atribuída ao Compositor Cardoso e ao Mestre Varela.

O que pretendemos, no fundo, é fazer preservar o nome de cidadãos que, em vida, foram defensores de traços culturais que nos são gratos.

Essa é, no fundo uma sugestão de proposta de um cidadão que tem o «sentir» perto do coração e, que parafraseando um escritor Lusófono, acrescenta, na quietude do nosso fragilizado «ôbô»¹⁴ que: *tudo vale a pena se a alma não é pequena.*

A nossa alma de facto não é, em circunstância alguma... pequena. Pequena, pequena, é – perdoem-nos a sinceridade – a mentalidade de certos Homens, nossos contemporâneos.

Deitemos, então, a mão a esse Processo de Homenagens, a serem feitas a título póstumo.

¹⁴ O nosso «ôbô» localizado na zona sul do país está a entrar numa pequena “agonia”, impingida pela voragem da dinâmica do «desenvolvimento» que o Homem se diz o arauto principal. Ele (o ôbô) está a penar, tal qual a grande Amazónia. Enfim, por vezes somos impotentes para encaixar tanta devassidão que o Homem impõe a outros Homens...